

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

Jornal do Teatro
Em Cartaz
Charles Möeller
Clarice Niskier
Cláudio Botelho
Cleyde Yáconis
Flávio Marinho
Guilherme Leme
Jô Soares
José Wilker
Kelzy Ecart
Paulo de Moraes
Tadeu Aguiar
Vera Holtz

Hamlet

Wagner Moura vive o personagem mais instigante de Shakespeare

ANO X N° 99
EXEMPLAR GRATUITO

O esforço que aprofunda o pensamento

“ Fazíamos a peça de terça a domingo, com duas sessões às quintas e três aos sábados. No sábado, um enfermeiro ficava de plantão para dar injeção de vitamina B12 nos atores. E segunda feira, eu acordava cedinho e ia dublar um filme do Zorro. As palavras são de Cleyde Yáconis, 85 anos, conversando comigo e com Julia Lemmertz sobre a época em que fazia a peça *Maria Stuart* com Cacilda Becker e Walmor Chagas, no TBC, na década de 1950. A mesma peça que estreamos no CCBB.

Cleyde estava ali, linda diante de nós, após a apresentação de *Caminho Para Meca*, um trabalho imperdível. Ela é imperdível. Que geração! Como trabalhavam, como trabalham. Eu e Julia estamos nos dedicando muito para que a nossa *Maria Stuart*, de Schiller, dirigida por Antonio Gilberto, tradução de Manuel Bandeira, com um elenco maravilhoso, faça uma bela temporada de quarta a domingo aqui no Rio. E às segundas e terças estou em São Paulo com *A Alma Imoral*.

Sim, estou em cartaz de segunda a segunda neste momento. Sim, estou trabalhando muito. Mas talvez nem tanto quanto as gerações que nos antecederam e que nos abriram tantas portas. É mais comum, hoje em dia, um ator fazer teatro e televisão – ou cinema e televisão ou ainda cinema, teatro e televisão –, do que duas peças ao mesmo tempo. Mas também acontece.

Estudar Schiller e Nilton Bonder tem sido um privilégio. Um aprofundamento nas questões da vida e do teatro que me alimentarão para o resto da vida.

É puxado? É. Mas é fascinante. É surpreendente perceber que um trecho da *Alma Imoral* está me ajudando a esclarecer um trecho da peça de Schiller. Onde está o homem pensando livremente sobre seu patrimônio cultural e histórico, onde está a liberdade, está a comunhão, mesmo sutil, entre todos os seres. E ser uma atriz dos palcos possibilita tal viagem.”

Clarice Niskier, março de 2009



FOTO: DIVULGAÇÃO

A festa de Boal

Os 78 anos do fundador do Teatro do Oprimido, Augusto Boal, serão comemorados com eventos promovidos por seguidores de sua metodologia. O Centro do Teatro do Oprimido, na Avenida Mem de Sá, na Lapa, abre suas portas nos dias 13 e 14 de março para apresentar, gratuitamente, espetáculos de Teatro-Fórum, sessão de Teatro Legislativo e uma exposição reflexiva da Estética do Oprimido.

Contando histórias

O grupo Os Tapetes Contadores de História estarão na Caixa Cultural entre 14 de março e 12 de abril, de terça a domingo, com espetáculos para platéias de todas as idades. A exposição *Pê-de-moleque pede palavra* vai mostrar as pesquisas mais recentes do grupo. Além de diferentes rodas de histórias, também serão oferecidas oficinas. Mais informações: www.tapetescontadores.com.br.



Cia Aplauso continua temporada

Sucesso do verão carioca, o musical *Todo Mundo é Mundo* reinicia suas apresentações, todos os sábados, às 21h, no Galpão Aplauso. O quinto e mais autoral espetáculo da Cia Aplauso conta a história de seus integrantes, mostrando a descoberta da arte como instrumento para inserção social e fortalecimento de valores. Endereço: Rua General Luíz Mendes de Moraes, 50 Santo Cristo, próximo à Rodoviária Novo Rio. Há estacionamento no local, mas o ingresso de R\$ 20 inclui transporte gratuito de ida e volta em ônibus que sai do Jockey Club às 20h30.

Paulo de Moraes

De volta às origens

O Armazém Companhia de Teatro acaba de completar 21 anos de atividade com o espetáculo *Inveja dos Anjos*, em cartaz na Fundação Progresso. Nosso grupo surgiu em Londrina, no Paraná, no final da década de 1980. Londrina, nessa época, tinha uma efervescência cultural muito grande. Éramos todos muito jovens, um bando de ‘canibais contentes’ devorando referências e devolvendo uma cena vigorosa que, aos poucos foi repercutindo. Em 1994, arriscamos a primeira visita ao Rio, para uma pequena temporada de *A Ratoeira é o Gato*, no Teatro Gláucio Gill. No início, foi tudo bem complicado. Pouco público, pouca atenção da imprensa. Até que, depois de muita insistência, os críticos começaram a aparecer e, a partir daí, o espetáculo teve uma repercussão incrível, ganhou prêmios, lotou os teatros e acendeu na gente o desejo de transferir o grupo para cá. Em 1998, finalmente, o Armazém veio para o Rio de mala e cuia.

Um ano depois, ocupamos uma sala na Fundação Progresso para a montagem de *Alice Através do Espelho*. Fomos surpreendi-



Paulo de Moraes: dramaturgia própria no Armazém Companhia de Teatro

dos por aquele espaço, pela possibilidade de sair do palco tradicional e pelo jeito diferente de se relacionar com o público que o local impunha. O impacto se refletiu no resultado do nosso trabalho.

Depois de alguns anos envolvidos com a montagem de clássicos da dramaturgia do século 20, *Inveja dos Anjos* representa uma espécie de volta às origens, resgatando a idéia da construção de uma dramaturgia própria, que leva em conta referências cruzadas (cinema, literatura, quadrinhos...). *Inveja dos Anjos* é resultado desse tipo de processo, uma dramaturgia que surge de uma pesquisa temática, aliada a uma reconstrução do espaço cênico, mantendo acesa a idéia de criar mundos que tirem o espectador de uma posição passiva e o levem ao jogo.

"Atuar é um jogo"

Cleyde Yáconis,
à frente de
O Caminho para Meca,
compara o
início de sua
carreira com
a situação do
teatro hoje
em dia

Por Olga de Mello

"Meu talento é para o teatro, mas minha vocação é para a Ciência", afirma Cleyde Yáconis, quase seis décadas de uma bem-sucedida carreira de atriz. Atuar é um sacrifício, então? "Atuar é um jogo, uma brincadeira. Adoro o faz-de-conta de meu trabalho. É maravilhoso mentir para 300 pessoas ao mesmo tempo", brinca a paulista de 86 anos, que decidiu seguir profissionalmente os passos da irmã mais velha, a consagrada Cacilda Becker, em sua época de Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC.

A atriz

De início, Cleyde não pretendia ser atriz, mas médica. Trabalhava como produtora e responsável pelos figurinos no TBC até o dia em que, por conhecer todas as falas da peça *O Anjo de Pedra*, de Tennessee Williams, substituiu a atriz Nídia Lycia, que adoecera. Acabou chamada para outros papéis – e o que deveria ser uma atividade transitória tornou-se definitiva. "As circunstâncias financeiras me empurraram para o palco. Fiquei sete anos no TBC, aprendendo teatro com Cacilda, Sérgio Cardoso, Paulo Autran".

A dicção perfeita e a natural impostação de voz tornaram Cleyde Yáconis uma requisitada dubladora, em uma época de intensa atividade. Em média, havia dez espetáculos por semana. "Hoje, fazemos dez por mês. Não havia patrocínio, produzíamos com dinheiro próprio, pedíamos empréstimos nos bancos e as montagens se pagavam, sempre com casa cheia. Agora, o teatro vive uma fase de mendicância, de chapéu na mão", diz ela, que desde os primeiros textos decidiu aproveitar seu talento artístico para levar o público a reflexões e questionamentos.

O engajamento artístico chegou a lhe render uma prisão de dois dias no Dops paulista, em 1964. "Assinei um documento pró-Cuba, como qualquer artista compromissado com a democracia. Não me maltrataram na prisão. Cacilda, assim que soube, falou com a cidade inteira até que me soltassem", lembra Cleyde, que prefere deixar a discussão política para seus personagens, como o de Helen Elizabeth Martins, a protagonista de *O Caminho para Meca*, em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil.

Ofício diário

Inspirada na vida da escultora sul-africana que morreu em 1976, a peça discute a intolerância racial e religiosa através da personagem, que produzia objetos em vidro moído e argila e preferia viver em reclusão, sem frequentar a igreja, escandalizando o pequeno povoado onde morava. "Ela descobriu na maturidade o trabalho que justificava sua existência, era uma mulher fascinante", diz a atriz, que não costuma se envolver totalmente com os personagens que interpreta: "Na época do ensaio, quando estou em busca das palavras que vão tirar a história do papel para torná-la real, penso 24 horas por dia no texto. É o tempo de gestação. Depois da estréia, é diferente. Aí eu me volto para a conquista do público, para torná-lo amoroso, carinhoso a cada apresentação. Um ofício diário e nada repetitivo!".

AGENDA

Drama de Athol Fugard. Direção: Yara de Moraes. Com Cleyde Yáconis, Patrícia Gasppar e Cacá Amaral. Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66. Centro). Fone: 3808-2020. Quinta a domingo. 19h30. R\$ 10.

Esta é a nossa canção

Uma história de amor. Dentro e fora do palco

O ator Tadeu Aguiar levou quase quinze anos para se encontrar “pessoalmente” com o objeto de uma paixão iniciada na década de 1980, quando ouviu, pela primeira vez, as músicas da peça *Esta é a Nossa Canção*. “Ganhei um LP com a trilha sonora e fiquei encantado com aquelas canções deliciosas. A sinopse parecia divertida, as fotografias do espetáculo, que já era um sucesso na Broadway, mostravam cenas charmosas, diferentes”, lembra Tadeu, que está à frente da montagem brasileira em cartaz no Teatro Maison de France. “É uma delícia, no estilo ‘garoto-encontra-garota’, com todos os clichês habituais mostrados de forma original e elegante. Mas só fui assistir no ano passado, em Londres”, diz ele, que interpreta Vernon Gersh, compositor consagrado em choque com Sonia Walsk, letrista talentosa vivida no palco por Amanda Costa. As diferenças pessoais entre a dupla são superadas à medida que percebem quanto se complementam profissionalmente.

À brasileira

Resultado do encontro de três mestres da Broadway – o escritor Neil



Simon, o compositor Marvin Hamlisch e a letrista Carole Bayer Sager –, *Esta é a Nossa Canção* chega ao Brasil 30 anos após sua estréia em Nova York, mantendo os padrões da superprodução original. Uma ponte de aço, inspirada na Ponte do Brooklyn, de cerca de uma tonelada, atravessa o palco do Maison de France, que recebeu uma estrutura giratória sobre trilhos para a entrada

e saída de nove diferentes cenários.

A montagem conta ainda com mais de 70 figurinos criados por Ney Madeira, dois lustres de 3,70m, projeções de multimídia e uma orquestra de oito músicos capitaneada pela diretora musical Liliane Secco, que acredita na identificação do público com a peça: “As músicas são deliciosas, totalmente pop. É um romance, com todos os momentos de paixão e descoberta pontuados por canções bonitas”.

Responsável pela versão das músicas em português, o escritor Flavio Marinho confessa sua admiração pelo “despudor romântico” da década de 1980: “É o auge do brega romântico, que lá fora era representado pelo Barry Manilow e aqui ficava a cargo do Fábio Júnior. As melodias fáceis, que grudam no ouvido, são maravilhosas. No entanto, a versão foi bastante trabalhosa, já que não se tratava apenas de uma tradução. Busquei o sentido das letras, que, em musicais, sublinham a trama”.

AGENDA

Texto: Neil Simon, com músicas de Marvin Hamlisch e Carole Bayer Sager. Direção: Charles Randolph Wright. Coreografia: Ken Roberson. Direção Musical: Liliane Secco. Versão das músicas: Flávio Marinho. Com Tadeu Aguiar, Amanda Costa, Ana Baird, Anna Bello, Carolina Futuro, Flavia Rinaldi, Mauro Gorini, Pedro Henrique Lopes, Sergio Somene e Victor Maia. Teatro Maison de France (Av. Pres. Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544-2533. Quarta a sábado, 19h30; domingo, 18h. R\$ 60 (qua.), R\$ 80 (qui. e sex.) e R\$100 (sáb. e dom.)

Hamlet

Wagner Moura vive o mais famoso personagem do teatro ocidental

Por Olga de Mello

A angústia de um homem em busca de vingança para o assassinato do pai e todos os questionamentos que surgem a partir da descoberta de uma verdade dolorosa fazem de *Hamlet* o mais celebrado personagem da literatura ocidental. A tragédia de William Shakespeare chega ao palco do Oi Casa Grande estrelada – e produzida – por Wagner Moura, sob a direção de Aderbal Freire-Filho, depois de uma temporada de oito meses em São Paulo.

A nova montagem privilegia uma aparente simplicidade. O palco é quase vazio, com poucos elementos cênicos. Para reduzir o tom impostado da representação, Aderbal fez uma nova tradução do texto – em parceria com Wagner Moura e com a professora de inglês Bárbara Harrington. O diretor e o ator falam aqui sobre a importância de Hamlet para o teatro de todos os tempos.

“O teatro vivo, a grandeza e a miséria da condição humana, a poesia, tudo está em Shakespeare. De um certo ponto de vista, todos os espetáculos, toda a vida de um artista de teatro é um caminho para o dramaturgo, um caminho para alcançar a simplicidade do palco, sua poesia pura, e só assim poder

mostrar a inesgotável representação do mundo das peças de Shakespeare”, diz Aderbal.

De acordo com o diretor, os vivos falam sempre do seu tempo, olham para o texto que encenam da perspectiva em que estão. “Não vou fingir que sou um inglês da virada do século XVI para XVII para representar uma peça escrita nesse tempo. Nem Shakespeare fingiu que era um dinamarquês medieval para escrever sobre o tempo de Hamlet. Sou um brasileiro da virada do século XX para o XXI e é com as referências desse lugar e desse tempo que faço minha parceria com Shakespeare”, complementa.

O novo e o “modernoso”

Mas isso não significa que o tratamento dispensado ao texto seja uma “inovação”, palavra que o diretor rejeita. “Essa palavra pode ser traiçoeira, pode dar a entender que basta botar roupas de hoje e uns efeitos ‘modernosos’ para ser atual, e não é nada disso. A vida, o presente, o novo não está só na aparência. As atrizes e os atores, esses sim, na maneira como atuam são vivos, isto é, presentes, isto é, novos. O espetáculo expõe essa vida.” A conferir rapidamente.

FOTOS: SANDRA DELGADO / DIVULGAÇÃO





AGENDA

De William Shakespeare. Tradução de Aderbal Freire-Filho com Bárbara Harrington e Wagner Moura. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Wagner Moura, Tonico Pereira, Carla Ribas, Georgiana Góes, Mateus Solano, Candido Damm, Fábio Lago, Felipe Koury, Gillray Coutinho e Marcelo Flores. Oi Casa Grande (Avenida Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 2511-0800. Sextas e sábados, 20h30; domingos, 19h30. R\$ 90.

Hamlet por Wagner Moura

“Shakespeare é o melhor da época em que se fez o melhor teatro – a Europa, mais precisamente a Inglaterra da passagem do século XVI para o XVII. *Hamlet* é o que há de melhor em Shakespeare. Ali estão a compreensão extraordinária da natureza humana, a riqueza dos personagens, o domínio da narrativa, a poesia, o humor... *Hamlet* é o teatro da vida, a melhor peça já escrita.

A gênese desta montagem era a comunicação com o público. *Hamlet* foi um grande sucesso em 1600, não havia porque não sê-lo hoje também. A maioria das traduções paga tributo às portuguesas do século XIX, que pegavam o inglês elisabetano e traduziam para o português arcaico. Não há nenhuma razão para traduzir “go” por “ide”. Aderbal foi um mestre em passar o jogo de palavras do inglês shakespeariano para a nossa língua. Já acho até mais interessante montar *Hamlet* aqui do que nos países que falam a língua inglesa, que não podem traduzi-lo.

A cada dia entendo mais o termo *work in progress*, que se aplica tão bem a qualquer trabalho em teatro, esse bicho vivo que se move. *Hamlet* é um personagem tão complexo, que pode ser feito de tantas formas... Duvido muito do crítico que vem com teorias acerca da psicologia de *Hamlet* (embora os psicólogos o amem). Stanislavski não se aplica a Shakespeare. Adoro pensar que o bardo antecipou Brecht. *Hamlet* não faria assim, *Hamlet* não agiria assado, *Hamlet* é deprê, *Hamlet* não pode rir, qualquer coisa que se diga é uma simplificação boba dos que querem dizer que conhecem bem *Hamlet*. Eu tenho convivido com ele e adorado conhecê-lo aos poucos, me surpreendendo a cada noite. Conhecê-lo e surpreender-se com ele é conhecer-me e surpreender-me também comigo. *Hamlet* nos comporta a todos, todos somos *Hamlet*. Adoraria ter visto Paulo Autran fazendo o príncipe aos 80 anos. Daqui a quinze anos, vou retomá-lo e conhecendo-me, conhecê-lo mais um pouco. Puro *work in progress*...”

O estrangeiro

O destino do homem sob a ótica existencialista

Por Olga de Mello

Há dois anos, os atores Guilherme Leme e Vera Holtz assistiram na Dinamarca a adaptação para o teatro de *O Estrangeiro*, obra-prima de Albert Camus. Fascinado pelo monólogo concebido pelo ator e diretor dinamarquês Morten Kirkskov, Guilherme fez diversas leituras da peça até sentir-se preparado para encarar o desafio de seu primeiro monólogo. O convite à Vera para estreiar na direção teatral veio naturalmente, já que ela estava envolvida no processo desde seu início.

Sozinho no palco, Guilherme quis dar um peso interpretativo à iluminação de Maneco Quinderé. “O Sol é, na verdade, um personagem do livro, por isso disse ao Maneco que ele não iria apenas iluminar, mas atuar comigo. Então, temos não apenas minha estréia no monólogo e a da Vera na direção, mas também a primeira participação do Maneco como iluminador/ator”, diz Guilherme Leme, que chamou a cenógrafa Aurora dos Campos e pediu para Marcelo H criar a trilha sonora incidental.

Amizade é pouco para definir o relacionamento entre Vera Holtz e Guilherme Leme. Amigos há vinte anos, eles demonstram, nesta entrevista com perguntas de um para o outro, a cumplicidade desenvolvida ao longo de duas décadas de parceria. Uma intimidade que, em público, revela um trabalho apaixonado pela arte da interpretação.

AGENDA

Drama de Albert Camus, adaptado para o teatro por Morten Kirkskov. Direção: Vera Holtz. Com Guilherme Leme. Teatro do Jockey (Av. Bartolomeu Mitre, 1.110, Gávea). Fone: 2540-9853. Quinta a sábado, 21h30; domingo, 21h. R\$ 25.

A obra

O Estrangeiro, o mais conhecido romance do dramaturgo e escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960), conta a história de Mersault, um homem que não demonstra seus próprios sentimentos nem no enterro da mãe. Ao cometer um crime sem qualquer intenção ou motivo, ele também não procura defender-se, já que não vê sentido em mentir para não perder sua própria vida. Tudo acontece à sua revelia e ele permite ser arrastado pelos acontecimentos, sem buscar respostas para o absurdo da existência, ponto central da obra de Camus, que recebeu o prêmio Nobel de Literatura em 1957.

Vera pergunta, Guilherme responde:

Está preparado para a suave indiferença do mundo?

Guilherme: Venho me preparando nesses últimos 48 anos...

O que “tanto faz” para o Guilherme?

G.: Sabe aquela velha pergunta “o que você prefere?” Seja teatro, cinema ou televisão, o que realmente importa é a arte que se pratica dentro de cada um deles.

Com o tempo você se acostuma a tudo?

G.: Há coisas que sempre serão inadmissíveis. Viver como morto é uma delas.

Como está a ciranda ator-diretor-artista plástico?

G.: Estou começando a entendê-las juntas, fazendo dessas três categorias uma comunidade, em que uma é parceira da outra.

Guilherme pergunta, Vera responde:

Teatro à vera ou verão?

Vera: Teatro sempre à vera, mas, de preferência, nunca no verão.

As artes plásticas no palco ou a teatralidade na galeria?

V.: A teatralidade plástica das galerias nos palcos e/ou outras miscelâneas finas.

Amor em cena ou uma cena de amor?

V.: O amor em cena é tão mais intenso

Camus’ ou “comi”?

V.: Literatura com moderação e culinária com aberração.

A cabra

...ou Quem é Sylvia.

A crítica de Edward Albee ao obscurantismo e à intolerância

A paixão inusitada de um homem por um animal pode ser vista apenas como uma piada surrealista ou suscitar reflexões sobre metáforas claras que se desenham aos olhos do público. Em *A Cabra ou Quem é Sylvia*, o dramaturgo norte-americano Edward Albee trata de preconceitos sem questionar a legitimidade do amor, por mais bizarros que os relacionamentos se apresentem. A peça, que ganhou o Tony e diversos prêmios em 2002, quando estreou em Nova York, chega ao Teatro dos Quatro, depois de uma temporada bem-sucedida em São Paulo, com José Wilker e Denise Del Vecchio nos papéis principais, sob direção de Jô Soares, que também assina a tradução do texto.

Jô Soares conta ter sido atraído pelo texto inteligente, macabro e absurdo, que testa os limites da tolerância em sociedade. “Albee trabalha com muito humor uma situação que seria insustentável de qualquer outra maneira, enquanto aborda relações familiares e a crise dos 50 anos, tudo exacerbado pela presença da cabra como personagem”.

Dois olhares

A reação indignada da imprensa americana a um artigo da escritora Susan Sontag sobre a coragem dos terroristas que derrubaram os aviões contra as torres

do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, motivou Edward Albee a criar *A Cabra ou Quem é Sylvia*. “Susan Sontag foi massacrada por uma faixa da imprensa norte-americana ao afirmar que os terroristas haviam cometido um ato abominável, porém não poderiam jamais ser chamados de covardes. Albee percebeu, naquele momento, que o obscurantismo não aceita

qualquer aspecto do outro e teve a idéia de discutir como se tratam as diferenças”, conta o protagonista José Wilker. O ator aponta duas formas de assistir à peça: uma, mais elementar, acompanhando apenas a ação da paródia; e a outra é percebendo que o que está sobre o palco não é uma anedota, mas algo rico em conteúdo e significados. Wilker interpreta Martin, o arquiteto bem-sucedido que se apaixona por uma cabra.

Para Denise Del Vecchio, que vive Stella, a mulher de Martin, qualquer pessoa que teve um casamento desfeito se identificará com a personagem, que se sente humilhada pela zoofilia do marido. “Ao mesmo tempo em que se discute quanto não admitimos o que escapa de nossa rotina e as razões para eliminarmos o inconcebível, a peça mostra, com muito realismo, o desespero de uma mulher que vê seu mundo perfeito desabar. É tudo muito lógico, racional, pois o casal se pauta pela ponderação e pelo liberalismo. No entanto, quando o inesperado surge, o desespero se instala”, diz ela. >>





>> Descompasso premiado

As relações de família são tema de boa parte da obra de Edward Albee, que foi adotado em bebê e jamais escondeu as dificuldades no convívio com os pais, proprietários de uma rede de teatros, que não incentivavam seu desejo de tornar-se escritor. "Acho que eles não sabiam como ser pais. Provavelmente, eu também não sabia como ser um filho", costumava dizer Albee, que se tornou um respeitado dramaturgo, premiado com o Tony duas vezes (por *A Cabra e Quem tem medo de Virginia Woolf?*). Também recebeu três prêmios Pulitzer, por *Um Equilíbrio Delicado*, *Seascape* e *Três Mulheres Altas*.

AGENDA

Texto: Edward Albee. Adaptação e Direção: Jô Soares. Com José Wilker, Denise Del Vecchio, Gustavo Machado e Norival Rizzo. Teatro dos Quatro (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2239-1095. Quinta a sábado, 21h30; domingo, 20h. R\$ 60 (qui.), R\$ 70 (sex. e dom.), R\$ 80 (sáb.).

NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Meu Caro Amigo

“A peça é conduzida com muita delicadeza por Kelzy Ecart, atriz talentosa que também é excelente cantora. Um espetáculo bellissimo, com a ação encadeada pelas músicas de Chico Buarque. A interpretação de Kelzy tem aquela medida certa, sem excessos dramáticos, que tornam o texto envolvente e emocionante”.

Thelmo Fernandes, ator

Os Difamantes

“A boa comédia sempre parte de críticas à situação sócio-política. Nesta peça, vemos a união de texto bem urdido com direção inteligente e interpretações sinceras do elenco, pavimentando o caminho para o sucesso de crítica e público”.

Marcos Caruso, ator



Traição

“Raro encontro entre um texto deslumbrante, uma direção precisa do Ary Coslov e um elenco primoroso. Os atores sabem exatamente o que estão fazendo em cena – e a peça é de um mestre da dramaturgia, Harold Pinter”.

Marcos Breda, ator

Maria Stuart

“Esta temporada carioca começa muito bem. Julia Lemmertz e Clarice Niskier são duas atrizes sensíveis, que garantem a excelência desta montagem de *Maria Stuart*, de Schiller. Outro clássico, com direção do Aderbal Freire-Filho, e estrelado pelo Wagner Moura, é *Hamlet*, um texto atemporal. Para quem ama o bom teatro, a presença de Cleyde Yáconis no palco também torna obrigatório assistir *O Caminho para Meca*”.

Stella Miranda, atriz



AINDA BEM QUE FOI AGORA

Um casal conta sua trajetória romântica, cheia de conflitos e situações divertidas. Texto: Julia Spadaccini e Rodrigo Nogueira. Direção: Marcelo Saback. Com Andréa Mattar e Carlos Vieira. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R\$30. Estréia 18/3.

APOCALIPSE SEGUNDO DOMINGOS DE OLIVEIRA

Deus entra em crise existencial no dia do Juízo Final. Texto e direção: Domingos de Oliveira. Com o grupo Fúria Fábrica de Teatro. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2332-2015. Sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 20 (sex.) e R\$ 30 (sáb. e dom.).

A ARTE DE ESCUTAR

A comédia dramática de Carla Faour conta a história de uma mulher que tem o dom de levar desconhecidos a lhe fazerem confidências. Direção: Henrique Tavares. Com Amélia Bittencourt, Antonio Fragoso, Carla Faour. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2550. Quinta a domingo, 19h. R\$ 22.

A ARTE DE TER RAZÃO

Os desentendimentos de vizinhos sobre o destino do lixo e os estratégias utilizadas para ganhar a disputa estão nesta peça inspirada na obra de

Arthur Schopenhauer. Texto: Manoel Prazeres. Direção: Vítor Lemos. Com Helena Varvaki, Isaac Bernat e Flavio Souza. **Teatro Café Pequeno** (Rua Ataulfo de Paiva, 267, Leblon). Fone: 2294-4480. Sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 20.

ATÉ QUE A SOGRA NOS SEPRE

Um casal em crise recebe a visita da mãe dele, que tenta separá-los de vez. Texto: Anderson Oliveira e Maria Clara Horta. Direção: Anderson Oliveira. Com Daniel Müller, Fernanda Zau, André Sobral e Anderson Oliveira. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824 A, Ipanema). Fone 2523-9794. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 40.

ATO SEM PALAVRAS I

E *A última gravação de Krapp*. Sérgio Britto apresenta duas peças curtas de Samuel Beckett, que tratam do arrependimento de um homem pelas escolhas de sua vida e a luta de uma pessoa para sobreviver em uma situação desesperadora. Adaptação e direção: Isabel Cavalcanti. **Sesc Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro) Fone: 2279-4027 Sexta a domingo, 19h. R\$20.

BODAS DE SANGUE

Neste clássico de Federico Garcia Lorca uma noiva foge com seu amor do passado no dia do seu casamento com



outro. Com Leticia Spiller, Antonio Firmino, Catarina Abdalla. Direção: Amir Haddad. **Centro Cultural Tom Jobim** (Rua Jardim Botânico, 1.008, Jardim Botânico). Sexta a domingo, 20h. R\$ 40.

CACHORRAS QUENTES

Uma comédia sobre mulheres que buscam seus destinos sem perder o humor. Texto: Luís Carlos Góes. Com Gianne Albertoni e Leticia Isnard. Direção: Marcus Alvisi. **Teatro do Leblon - Sala Tônia Carrero** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 60 (qui. e sex.) e R\$ 70 (sáb. e dom.).

AS CENTENÁRIAS

Duas carpeideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebridades locais e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (sex. e dom.); R\$ 70 (sáb.).

CLANDESTINOS

Comédia conta a história de jovens artistas que chegam ao Rio em busca de uma chance profissional. Texto e direção: João Falcão. Com a Cia

Instável de Teatro. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Gávea, Shopping da Gávea). Fone: 2540-5004. Quinta a sábado, 19h30; domingo, 19h. R\$ 50.

COMÉDIA EM PÉ

A bem-sucedida *stand up comedy* dos humoristas Cláudio Torres Gonzaga, Fernando Caruso, Fábio Porchat e Paulo Carvalho. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Gávea, Shopping da Gávea). Fone: 2540-5004. Quinta a sábado, 21h30; domingo, 20h30. R\$70. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Helder Câmara, 5.332, Norte Shopping, Cachambi). Fone: 2595-8245. Quinta a domingo, 18h. R\$30.

OS DIFAMANTES

Maria Clara Gueiros e Emilio Orციollo interpretam um casal de apresentadores de um talk-show sobre celebridades de televisão. Texto: Martha Mendonça e Nelito Fernandes. Direção: Ernesto Piccolo. **Teatro do Leblon - Sala Tônia Carrero** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h30; Domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.).

DIVERTIDAMENTE

O monólogo criado e interpretado por André D'Lucca discute comportamento e relacionamentos. Direção:

Liliana Rosa. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Helder Câmara, 5.332, Norte Shopping, Cachambi). Fone: 2595-8245. Terça e quarta, 20h. R\$ 20.

DOM JUAN

O clássico de Molière contado através de diferentes linguagens, como circo, mágica, dança e instalações plásticas. Direção e adaptação: Thierry Tremouroux. Com Allan Souza Lima, Carolina Ivancevic, João Velho. **Espaço Sesc** (Rua Domingos Ferreira, 60, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta e sábado, 20h; domingo, 19h. R\$ 10.

ENFIM NÓS

A comédia de Bruno Mazzeo e Cláudio Torres Gonzaga mostra os percalços de um casal que é obrigado a passar o primeiro Dia dos Namorados juntos, trancados no banheiro. Direção: Cláudio Torres Gonzaga. Com Bruno Mazzeo e Fernanda Souza. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Gávea, Shopping da Gávea). Fone: 2540-5004. Terça e quarta, 21h. R\$ 50.

GLORIOSA

A vida da milionária Florence Foster Jenkins, conhecida como a pior cantora lírica do mundo. Musical de Peter Quilter. Adaptação e direção musical: Cláudio Botelho. Direção: Charles Möeller. Com Marília Pêra, Guida Vianna e Eduardo Galvão. **Teatro**

Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899, Shopping Fashion Mall, São Conrado). Fone: 3222-2495. Quinta a sábado, 21h30; domingo, 20h. R\$ 70 (qui. e sex.) e R\$ 80 (sáb. e dom.).

HÃ?!

Stand up comedy do humorista Diogo Portugal sobre fatos do cotidiano. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2274-9895. Sexta e sábado, 19h30. \$40. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3.555, Barra Square, Barra da Tijuca). Fone: 3325-1645. Sexta e sábado, 23h. R\$ 60.

A HISTÓRIA DE NÓS DOIS

Diferentes facetas de um casal. Texto: Lícia Manzo. Direção: Ernesto Piccolo. Com Alexandra Richter e Marcelo Valle. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 40.

OS HOMENS QUEREM CASAR E AS MULHERES QUEREM SEXO

Monólogo de Carlos Simões que fala de um rapaz que tenta de todas as maneiras encontrar uma mulher para casar. Direção: Marco Marcondes. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8595. Quinta, 21h30; sexta e sábado, 23h. R\$ 50.



INVEJA DOS ANJOS

Uma revisão sobre os laços familiares, discutindo as carências e os medos de cada um. Referências às obras de Paul Auster e Garcia Marquez. Texto: Arruda Mendonça e Paulo de Moraes. Direção: Paulo de Moraes. Com Marcelo Guerra, Patrícia Selonk, Ricardo Martins. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24, Centro). Fone: 2220-5070. Quinta a domingo, 20h. R\$ 30.

MARIA STUART

O drama de Friedrich Schiller conta o encontro imaginário entre as rainhas Maria Stuart, da Escócia, e Elizabeth. Direção: Antonio Gilberto. Com Julia Lemmertz, Clarice Niskier, André Correa, Edney Giovenazzi. Dir. Antonio Gilberto. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10.

MOTEL PARADISO

Juca de Oliveira propõe uma discussão de valores éticos a partir da gravidez indesejada de uma adolescente. Direção: Bárbara Bruno. Com Bárbara Bruno, Cecil Thiré, Renato Scarpin,

Zulma Mercadante, Bruno Udovic, Carla Diaz e Gerardo Franco. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8595. Terça a quinta, 21h. R\$ 60,00.

NÃO MATEI, MAS SEI QUEM FUI

O monólogo cômico de César Amorim mostra um homem que se confronta com suas múltiplas personalidades para solucionar um crime. Direção: Diego Molina. **Teatro Café Pequeno**. (Rua Ataulfo de Paiva, 267, Leblon). Fone: 2294-4480. Terça e quarta, 21h. R\$ 20.

O NOSSO AMOR A GENTE INVENTA

A comédia de Miguel Paiva trata das diversidades no amor, separação, abandono, superação e recomeço. Com Beth Lamas, Stella Antunes, Thaís de Campos e Carlos Bonow. Direção: Cininha de Paula. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3.555, Barra Square, Barra da Tijuca). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 60 (qui., sex. e dom.) e R\$ 70 (sáb.).

O SANTO E A PORCA

Comédia de Ariano Suassuna. O casamento da filha de um avaro atormentado com a perda imaginária do dinheiro acumulado e da solidão. Direção: João Fonseca. Com Êlcio Romar, Gláucia Rodrigues, Armando Babaioff. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana).



Lavanderia
Flor de Copacabana

Rua Siqueira Campos, 239-B
Fone: (21) 2255-1533



Fone: 2334-7153. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui.), R\$ 40 (sex. e dom.) e R\$ 50 (sáb.).

SEMPRE VALE A PENA

Comédia em esquetes mostrando os mais diversos relacionamentos: casais, vizinhos, pai de santo e sua cliente, amigos, psicanalista e pacientes. Texto: Maria Fernanda Gurgel. Direção: Márcio Vieira. Com Angela Britto, Carla Pompilio, Flávio Carriço e Windembrg Mello. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Quinta, 21h. R\$ 30.

SERPENTE VERDE SABOR MAÇÃ

Comédia criada e dirigida por Jô Bilac e Larissa Câmara. Senhora oferece chá aos seus visitantes e, dependendo do discurso do convidado, o resultado do encontro pode ser bem amargo. Com Adriana Valdevina, Edi Raffa, Sandro Pamponet. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde s/n, Copacabana) Fone: 2547 7003. Sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 10.

TERAPIA DO RISO

Espectáculo mostra o primeiro dia de terapia de um grupo de personagens surtados. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Sexta e sábado,

21h30; domingo, 20h30. R\$ 50 (sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.).

TOM & VINICIUS, O MUSICAL

A peça conta o encontro de Tom Jobim e Vinícius de Moraes e a transformação de dois talentosos parceiros em grandes amigos. Texto: Daniela Pereira de Carvalho e Eucanaã Ferraz. Direção: Daniel Herz. Direção musical: Josimar Carneiro. Com Marcelo Serrado, Thelmo Fernandes, Guilhermina Guinle. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, 19, Centro). Fone: 2332-8701. Quinta a sábado, 20h; domingo, 18h. R\$ 30 (qui.) e R\$ 40 (sex. a dom.).

TRAIÇÃO

Os percalços de um triângulo amoroso. Texto: Harold Pinter. Direção: Ary Coslov. Com Isabella Parkinson, Leonardo Franco e Isio Ghelman. **Centro Cultural Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180, Botafogo) Fone: 2543. Sexta e sábado, 21h30; domingo, 20h30. R\$ 40.

UMA HISTÓRIA DE BORBOLETAS

Baseada em conto de Caio Fernando Abreu. Texto e Direção: Marcelo Aquino. Com Catarina Dall'orto, Cirilo Luna, Gabriela Munhhos. Espaço 2 do **Centro Cultural Solar de Botafogo** (General Polidoro, 180, Botafogo). Fone: 2543-5411. Quinta a sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 30.

Caipirinhas e pato da fazenda

Um excelente programa para o sábado é assistir ao espetáculo *Todo Mundo é Mundo*, no Galpão Aplauso. Já incluído no preço do ingresso, um ônibus busca os espectadores em frente ao Jockey Club, na Gávea. Quando termina o espetáculo, eles são levados de volta.

No Galpão, além de você conhecer o maravilhoso trabalho realizado, assiste a um espetáculo de alto nível profissional e alegre. Lá também há caipirinhas



sensacionais, de várias frutas, com um *pout-pourri* salgado muito gostoso – e, o melhor de tudo, você pode levar sua bebida para a platéia, ou seja, continua bebendo durante o espetáculo. Não é o máximo?

Na volta, chegando ao Baixo-Gávea, uma sugestão é jantar no **Guimas**, o original, o primeiro deles. E, para mim, o melhor.

Escolha o tradicional *filet boursin* com peras ao vinho, que ainda é um dos melhores da cidade, ou então o pato da fazenda (*confit* de peito e coxa com mel). As sobremesas são deliciosas, especialmente a goiabada de Tambaú derretida com queijo... delícia!



Guimas
Rua José Roberto Macedo
Soares, 5, Gávea
Fones: 2259-7996 e
2529-2281



APLAUSO pergunta

Quem tem medo do Questionário Proust? A atriz Kelzy Ecart, idealizadora do espetáculo **Meu Caro Amigo**, responde todas as perguntas.

Por Olga de Mello

O questionário

Em voga nos salões europeus de fins do século XIX, o questionário "Confissões" – que subsistiu por mais de 100 anos nos chamados "cadernos de perguntas" dos adolescentes – ganhou notoriedade por haver sido respondido pelo escritor francês Marcel Proust. As respostas do romancista no caderno de sua prima Antoinette serviram de base para importantes informações sobre sua personalidade. O questionário acabou tomando o nome de seu mais notável entrevistado, e hoje não se restringe apenas aos cadernos trocados entre adolescentes, tendo sido popularizado com a adaptação – e redução – das 29 perguntas originais para o programa *Inside the Actor's Studio*.

1. Qual é sua maior qualidade? **Persistência.**
2. E seu maior defeito? **Teimosia.**
3. A característica mais importante em um homem? **Inteligência.**
4. E em uma mulher? **Tranqüilidade.**
5. O que você mais aprecia nos amigos? **Fidelidade.**
6. Sua atividade favorita é **o teatro.**
7. Qual é sua idéia de felicidade? **Meu filho, Pedro.**
8. E o que seria a maior das tragédias? **A morte.**
9. Quem você gostaria de ser, se não fosse você mesmo? **Meu pai, Waldir.**
10. Onde gostaria de viver? **Onde já vivo, no Rio de Janeiro.**
11. Qual sua cor favorita? **Azul.**
12. Uma flor? **Rosa.**
13. Um pássaro? **Canarinho e todos os que a gente vê pelas árvores das ruas de Laranjeiras.**
14. Seus autores preferidos? **Norman Mailer, Garcia Márquez, Fernando Pessoa.**
15. E os poetas de que mais gosta? **Fernando Pessoa, Mário Quintana, Manoel de Barros.**
16. Quem são seus heróis de ficção? **Indiana Jones, o Super-Homem e o Homem Aranha.**
17. E as heroínas? **Mulher Maravilha e a Poderosa Ísis.**
18. Seu compositor favorito é **Chico Buarque.**
19. Quais pintores que você aprecia? **Van Gogh é fundamental.**
20. Quem são suas heroínas na vida real? **Madre Teresa de Calcutá.**
21. E quem são seus heróis? **Meu pai, Ghandi, Chico Mendes.**
22. Qual é sua palavra favorita? **Amizade.**
23. Qual você mais detesta? **Cebola.**
24. Quais são os personagens históricos que você mais despreza? **Judas Iscariotes.**
25. Quais dons naturais você gostaria de ter? **Tocar piano.**
26. Como você gostaria de morrer? **Dormindo.**
27. Qual seu atual estado de espírito? **Alegre.**
28. Que defeito é mais fácil perdoar? **O esquecimento.**
29. Qual é o lema da sua vida? **Ser feliz.**

AGENDA

Texto de Felipe Barenco. Direção: Joana Lebreiro. Direção Musical: João Bittencourt. Com Kelzy Ecart. Teatro do Centro Cultural Correios (Rua Visconde de Itaboraá, 20, Centro). Fone: 2253-1580. Quinta a domingo, 19h. R\$ 15.

ela conseguiu fazer de seu compositor favorito o tema de seu novo trabalho, o musical *Meu Caro Amigo*, em que as canções de Chico Buarque contam a história do Brasil através da vida de uma fã, Norma. O espetáculo está em cartaz no Centro Cultural Correios, com texto do escritor Felipe Barenco e direção de Joana Lebreiro. Nascida em Santo Antônio de Pádua, no noroeste fluminense, Kelzy adotou o Rio de Janeiro como cidade. Moradora de Laranjeiras, onde vive com o marido, o diretor Dudu Sandroni, e o filho Pedro, de cinco anos, ela revela, em suas respostas ao Questionário Proust, uma alma bastante pop, que admira a poesia de Fernando Pessoa ao mesmo tempo em que se entusiasma por personagens de histórias em quadrinho ou de desenhos animados.

Musical politicamente incorreto salta da Broadway para o Rio



A irreverência que se esconde sob um universo lúdico domina todas as cenas de *Avenida Q*, a nova produção de Cláudio Botelho e Charles Möeller, que traz para o Brasil uma reflexão ferina sobre temas como desemprego, racismo, homossexualismo, pornografia e a amargura da sociedade contemporânea. “O espetáculo fala especialmente de aceitação sob a ótica dos chamados perdedores, aqueles que

carregam suas frustrações, mas seguem vivendo. É muito corajoso, discutindo temas profundos sem medo de infringir as regras da correção política”, diz Charles Möeller.

O inusitado na peça não é apenas a reflexão sobre temas raramente abordados em musicais, mas a utilização de bonecos semelhantes aos dos programas de televisão *Vila Sésamo* e *Muppet Show* como personagens da trama, ambientada em Nova York.

O recém-formado Princeton vai morar na Avenida Q, tendo como vizinhos Brian, um comediante desempregado, e sua noiva JapaNeuza, terapeuta sem clientela, entre outras figuras que representam a antítese do sonho norte-americano de sucesso. O edifício é administrado pelo ex-astro mirim de TV Gary Coleman, um dos três personagens humanos do musical.

Ironia com humor

A versão brasileira é fiel ao texto original, com algumas adaptações que aproximam a realidade nova-iorquina para bairros de metrópoles como o Rio ou São Paulo. “A Avenida Q não existe, é um lugar onde todo mundo pode vir e se reconhecer. Transportar a ação para o Brasil particularizaria uma realidade universal”, afirma Möeller.

No papel de JapaNeuza, Claudia Netto se diz “voltando para casa”, no reencontro profissional com Charles Möeller e Cláudio Botelho, com quem trabalhou em diversas peças, entre elas *Company*, *Na Bagunça de Teu Coração* e *Cole Porter – Ele nunca disse*



Bonecos irreverentes

Em cartaz há mais de cinco anos na Broadway, *Avenida Q* estreou em 2003 e foi premiada com o Tony de melhor musical, melhor música original e melhor libreto. A preparação dos atores para manipulação dos 16 bonecos trazidos dos Estados Unidos ficou a cargo de Zé Clayton, do grupo Cem Modos. O elenco conta com o apoio de fisioterapeutas para amenizar os excessos musculares que a manipulação dos bonecos exige.

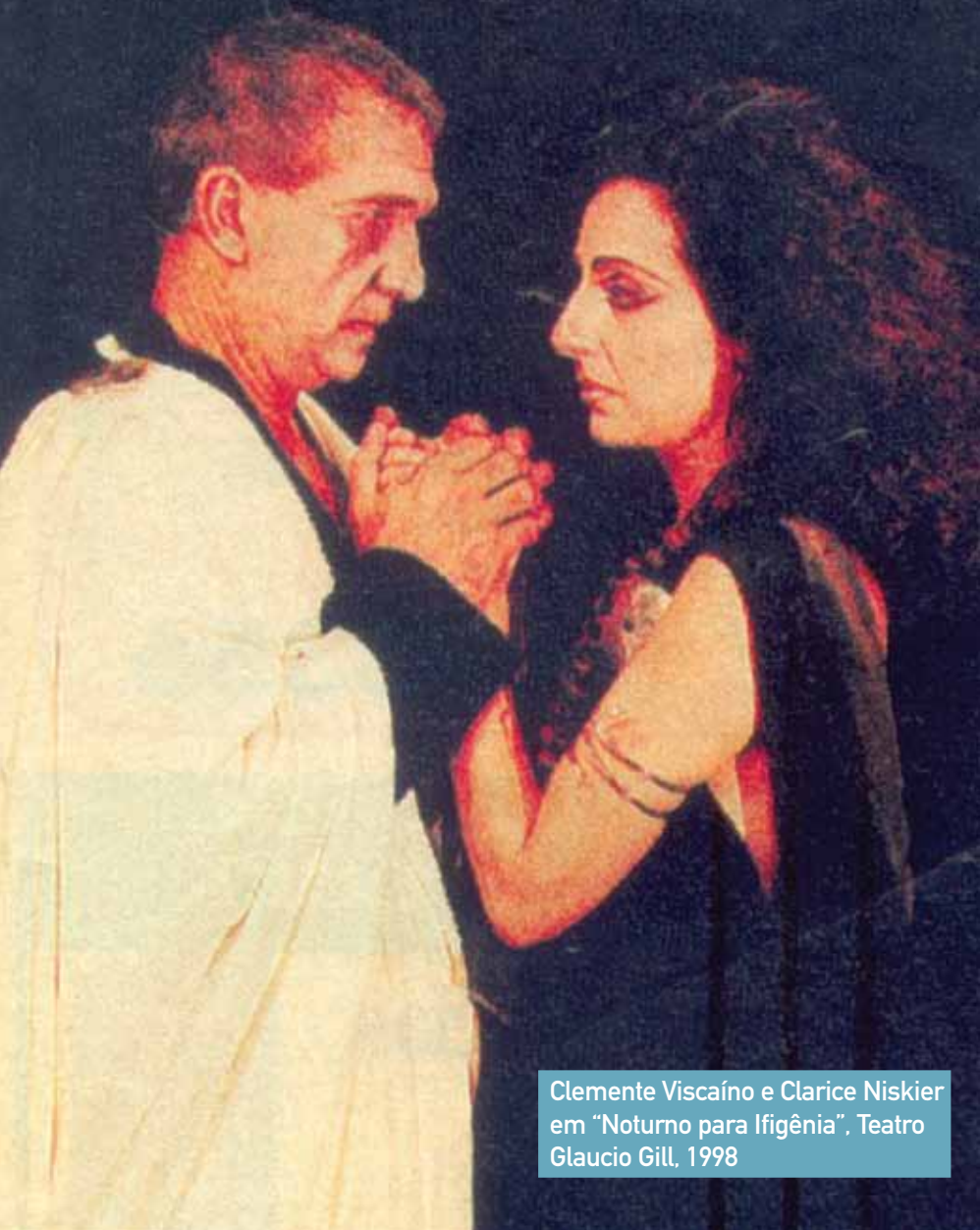
FOTOS: ROBERTSCHWENCK / DIVULGAÇÃO

que me amava. “Esta parceria vem de muito tempo. Praticamente começamos juntos a formar uma platéia para o musical no Rio. Temos uma química e um respeito por nosso trabalho que tempo algum apaga”, afirma Claudia, que gosta da abordagem direta e irônica da peça: “Administrar as diferenças com humor faz a vida em sociedade ficar melhor”. Cláudio Botelho concorda – e completa: “Certamente, o humor é um dos fatores do sucesso, mas as canções deliciosas de Jeff Marx e Robert Lopez, que misturam rock e o estilo da velha Broadway, também contribuíram. O público sai assoviando do teatro”.

AGENDA

Musical de Jeff Whitty, com músicas de Robert Lopez e Jeff Marx. Versão brasileira: Cláudio Botelho. Direção: Charles Möeller. Com Claudia Netto, Renato Rabello, Sabrina Kogut, André Dias, Fred Silveira, Renata Ricci, Gustavo Klein e Maurício Xavier. Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente, 52, Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta e sexta, 21h30; sábado, 17h e 21h30; domingo, 20h. R\$ 80 (qui.), R\$ 90 (sex.) e R\$ 100 (sáb. e dom.).

CENA ABERTA



Clemente Viscaíno e Clarice Niskier
em "Noturno para Ifigênia", Teatro
Glaucio Gill, 1998